

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Escola de Belas Artes – EBA/  
UFMG Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes  
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias  
Contemporâneas - CEEAV

ADÉLIA ANDRADE MOURA SOARES

**ORALIDADE: UM LIVRO INSCRITO NA ALMA AFRICANA**

Belo Horizonte

2020

ADÉLIA ANDRADE MOURA SOARES

**ORALIDADE: UM LIVRO INSCRITO NA ALMA AFRICANA**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes — PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas — CEEAV, da Escola de Belas Artes — EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais — UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador(a): Juliana Silveira Mafra

Belo Horizonte

2020



ATA DA DEFESA DO TRABALHO FINAL DE **ADELIA ANDRADE MOURA SOARES**  
N.º. DE REGISTRO: **2017766326**

Às oito horas do dia primeiro de março de dois mil e vinte, reuniu-se no Ateliê 7, da Escola de Belas Artes – EBA/ UFMG, a Banca Examinadora, indicada pela Coordenadora do **CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS E TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS - CEEAV**, do Programa de Pós Graduação em Artes – PPG Artes, da Escola de Belas Artes – EBA/ UFMG, para julgar o trabalho final intitulado **“ORALIDADE: UM LIVRO INSCRITO NA ALMA AFRICANA”**, requisito parcial para a obtenção do Grau de **ESPECIALISTA EM ENSINO DE ARTES VISUAIS**.

Abrindo a sessão, a Orientadora Profa. Juliana Silveira Mafra após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final passou à palavra à aluna, para a apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pela Banca Examinadora, com a respectiva defesa da aluna. Logo após, a Banca Examinadora reuniu-se, sem a presença da aluna e do público, para julgamento e expedição do resultado final.

A Banca Examinadora foi constituída por:

Profa. Profa. Juliana Silveira Mafra – Orientadora/EBA

Conceito: **C** Nota: **70**

Profa. Samara Vilaça Xavier – Membro Titular da Banca Examinadora

Conceito: **C** Nota: **70**

Pelas indicações a aluna foi considerada: **APROVADA**

Conceito Final: **C**

Nota: **70**

O Conceito final foi comunicado publicamente à aluna pela Banca Examinadora. Nada mais havendo a tratar a Profa. Juliana Silveira Mafra encerrou e lavrou a presente ATA, que será assinada pelo Membro da Banca Examinadora e pela Profa. Patrícia de Paula Pereira, Coordenadora do Curso de Especialização da Escola de Belas Artes e tecnologias Contemporâneas – CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG. Belo Horizonte primeiro de março de dois mil e vinte.

Profa. Profa. Juliana Silveira Mafra – Orientadora/ Doutora/CEEAV/EBA/UFMG

Profa. Samara Vilaça Xavier - Membro Titular da Banca Examinadora/ Mestre

**A presente monografia necessita de correções:** Sim ( ) Não ( **X** ). Caso positivo anexar folha de ressalvas. A Coordenação CEEAV comunica que a aluna terá até 90 (noventa) dias para apresentar a monografia corrigida.

Profa. Patrícia de Paula Pereira

Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de

Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV

Programa de Pós Graduação em Artes – PPG Artes

Escola de Belas Artes – EBA/ UFMG



Nome: **ADELIA ANDRADE MOURA SOARES**

**ORALIDADE: UM LIVRO INSCRITO NA ALMA AFRICANA.**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas condições da Banca Examinadora a aluna foi considerada: **APROVADA.**

Professora Juliana Silveira Mafra – CEEAV/ EBA/ UFMG - Orientadora

Professora Samara Vilaça Xavier – Membro da Banca Examinadora

Profa. Patrícia de Paula Pereira  
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes  
Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV  
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes  
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 1º de março de 2020.

## Resumo

Transformar a arte de contar histórias em uma escola de vida, este é o papel do *Griot* na África. Contar histórias sempre esteve presente na vida humana, mas foi através desse contexto que o africano perpetuou sua cultura, sua alma e seus conhecimentos. Com sua oralidade, o africano nos deixou grandes marcas, revelando sua presença na culinária, na dança, na música e até na literatura. Quando traficados para o Brasil, eles trouxeram suas riquezas na forma de conhecimento, mesmo vivendo sob o jugo dos grandes colonizadores que tentaram calar esse povo. Suas contribuições nos foram colocadas de forma bem distinta, por meio de vozes da tradição oral, fazendo ecoar em nossos ouvidos suas raízes, criando uma transculturação permeada de uma arte movente que transitou e transita até hoje em diversas regiões do Brasil. Esse povo sofreu muito nas mãos dos grandes fazendeiros, mas houve quem reconhecesse a luta do negro africano e lhes desse algo como pagamento de uma vida só de labuta. Assim, João da Cruz, no interior de Minas Gerais, em Itabira, deixou registrado em seu testamento a doação de uma fazenda, que fazia parte de uma sesmaria, aos escravos que lhe pertenciam e ao mesmo tempo dando-lhes a alforria. Ali construíram suas casas e criaram seus filhos. Hoje, nesse local, existe a Comunidade Gomes, onde vivem os descendentes desses escravos que no ano de 1885, foram reconhecidos com seres humanos.

Palavras-chave: Oralidade. Griot. Africano.

## Abstract

### Resume

Transforming the art of storytelling into a school of life, this is the role of Griot in Africa. Storytelling has always been present in human life, but it was through this context that the African perpetuated his culture, his soul and his knowledge. With his orality, the African left us great marks, revealing his presence in cooking, dance, music and even in literature. When trafficked to Brazil, they brought their wealth in the form of knowledge, even though they lived under the yoke of the great colonizers who tried to silence these people. Their contributions were placed in a very different way, through voices from the oral tradition, making their roots echo in our ears, creating a transculturation permeated by a moving art that has been and still is in different regions of Brazil. These people suffered a lot at the hands of the big farmers, but there were those who recognized the struggle of the black African and gave them something as payment for a life only of toil. Thus, João da Cruz, in the interior of Minas Gerais, in Itabira, left in his will the donation of a farm, which was part of a sesmaria, to the slaves who belonged to him and at the same time giving them freedom. There they built their houses and raised their children. Today, in this place, there is the Gomes Community, where the descendants of these slaves live, who in 1885, were recognized as human beings.

Keywords: Orality. Griot. African.

Resumeri' zoom

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO 1 - Oralidade .....</b>	<b>10</b>
1.1 Os Griots .....	11
1.2 Os animadores públicos ou griots .....	13
1.3 O papel da oralidade.....	14
1.4 A oralidade no contexto social.....	16
1.5 Cronologia .....	19
<b>CAPÍTULO 2 - Tradição Viva.....</b>	<b>20</b>
2.1 A autenticidade da transmissão .....	21
2.2 Os ofícios tradicionalistas.....	22
2.3 A comunicação dos tambores .....	22
2.4 A dança africana em terras brasileiras .....	24
2.5 O encontro de vozes .....	24
<b>CAPÍTULO 3 - História de uma família.....</b>	<b>27</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>
<b>ANEXO A - Testamento.....</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende mostrar como a arte de contar histórias perpetuou ao longo dos anos dentro de um contexto social muito frágil que é África. Mesmo com tanta pobreza, guerras e submissão o povo africano conseguiu influenciar outras culturas, principalmente a brasileira, e, mais precisamente, a mineira.

Essa cultura de contar histórias vem desde os tempos medievais, mas o africano agarrou-se a ela para se preservar diante de tanta intromissão em sua vida, fazendo disso um livro que não pode ser escrito com letras, mas escrito com palavras. A palavra vista como o divino, o sagrado e, às vezes, profana.

Palavras que tomaram o poder de uma referência diante de um povo que não pôde se alfabetizar, servindo como objeto de estudo e respeito perante a uma pessoa com o dom de discursar. Este livro que ficou guardado na memória de quem era indicado para reter conhecimentos.



Figura 1: Mapa da África  
Fonte: [www.jonyculo.blogspot.com.br](http://www.jonyculo.blogspot.com.br)

O africano não se deixou dominar totalmente, mesmo vivendo sob outras culturas. Por onde passou, levou consigo algum episódio de seu saber, sempre carregando consigo seus conhecimentos.

Quando o africano veio traficada para o Brasil, ele não só trouxe sua mão de obra, trouxe consigo a Mãe-preta, o Pai João, suas crenças religiosas, suas comidas e danças. Assim ele nos influenciou com sua cultura.

Para elaborar esse estudo foram executadas pesquisas de campo ao longo de seis meses, conversando e entrevistando várias pessoas, inclusive descendentes de escravos. Foi necessário também, o estudo de fontes teóricas que serviram de embasamento para o desenvolvimento do trabalho, pois se faz necessário um conhecimento sobre a oralidade africana e suas funções enquanto objeto de integração cultural.

Estudar a oralidade africana é conhecer um pouco esse povo que foi explorado durante séculos. Uma vez que se trata do estudo de uma cultura inerente a nossa, descobre-se que o continente africano tem muito a nos ensinar - suas raízes, seus conceitos, sua espiritualidade -, enfim tudo que se diz de uma população.

Observa-se que a dominação que esse continente viveu durante séculos não o calou, muito pelo contrário, foi usada com criatividade para que se resguardasse de todos os equívocos impostos a seus habitantes.

A oralidade é uma marca cultural bem distinta que está presente na África inserida em seu povo. A arte de contar histórias sempre esteve presente na vida humana, sendo uma atividade essencial que garantiu a manutenção de memórias e saberes transmitidos dentro de uma narrativa, apontando como um traço da cultura africana.

## CAPÍTULO 1

### ORALIDADE

Segundo o dicionário Michaelis<sup>1</sup>, oralidade é uma exposição oral.

Oralidade é a transmissão de conhecimentos armazenados na memória humana. Antes do surgimento da escrita, todos os conhecimentos eram transmitidos oralmente. A memória auditiva e visual eram os únicos recursos de que dispunham as culturas orais para o armazenamento e a transmissão de conhecimentos às futuras gerações.

A inteligência estava intimamente relacionada à memória. Os anciãos eram os mais sábios pelo conhecimento acumulado durante toda uma vida de dedicação de transmissão e aquisição de conhecimentos.

Uma sociedade oral reconhece a fala como um meio de comunicação diária e também como preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada como uma forma de exprimir suas histórias, suas tradições. Que pode ser como um testemunho transmitido de geração para geração.

Em muitas culturas, a identidade do grupo estava sob a guarda dos contadores de história, cantores e outros tipos de arautos, que na prática eram os portadores da memória da comunidade. Até mesmo a arte de tocar um tambor e de dançar, guarda essa identidade, pois mostra as potencialidades desse povo.

Segundo Montiel (1999, p.28), “a oralidade não é só o espelho de uma sociedade, também pode mostrar as contradições internas, sociais e psicológicas que se tornam na palavra”.

As características da oralidade são o verbalismo e a sua maneira de transmissão na qual difere das fontes escritas. Incluem, como oralidade, depoimentos, crônicas orais de um reino ou as genealogias de uma sociedade segmentária, que conscientemente descrevem acontecimentos passados. Servindo como testemunhos inconscientes, que para eles é de muito valor, sendo uma fonte importante para a história das ideias e de seus valores.

---

<sup>1</sup> Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, 1998, p.1051.

A construção das línguas crioulas, a partir do perfil africano, tem o valor de um arquivo que contém a essência da África imaginária, idealizada na memória. Aprofundando em seu estudo, pode-se chegar a conhecer a alma africana.

Os livros da experiência milenar africana foram guardados na memória do idoso. “Quando morre um ancião africano, se perde uma biblioteca” diz Amadou Hampaté Bâ (2010, p. 169), estudioso africano.

A oralidade africana faz parte de sua tradição, assim, contar histórias, narrar fatos passados dentro de uma linearidade é para os africanos um princípio de vida, com regras e leis pré-estabelecidas. Dessa maneira, um povo que não pôde se alfabetizar conseguiu manter viva a sua memória, preservando-a. Esse povo que durante séculos viveu sob o julgo dos grandes colonizadores, teve que arranjar uma maneira de se preservar, conservando suas culturas tradicionais, criando uma hierarquia; assim surgem os *Griots*.

## 1.1 Os Griots

*Griot* é o nome dado, na África, aos contadores de história. Eles são sábios muito importantes e respeitados na comunidade onde vivem. Através de suas narrativas, eles passam de geração a geração as tradições de seus povos. *Griot*<sup>2</sup> é “termo do vocabulário franco africano criado na época colonial para designar o narrador, cantor, cronista e genealogia que, pela tradição oral transmite a história de personagens e famílias importantes para as quais está a serviço.

São trovadores que reúnem tradições em todos os níveis e representamos textos convencionais, diante de uma ausência apropriada, em certas ocasiões: casamento, morte, festa na residência de um chefe etc.

Nas aldeias africanas, era costume os habitantes sentarem-se à sombra das árvores ou em volta da fogueira durante horas ouvindo histórias do fantástico mundo africano por estes velhos *griots*.

---

<sup>2</sup> Cia. de Jovens Griots da Baixada Fluminense. Disponível em: <[www.ciadejovensgriot.org.br](http://www.ciadejovensgriot.org.br)> Acesso em: 24 out. 2012



Figura 2: *Griot*

Fonte: [www.contacausos.com.br](http://www.contacausos.com.br)

Griots são espécie de trovadores ou menestrelis que percorrem o país ou estão ligados a uma família. Segundo A. Hampaté Bâ, os *griots* são classificados em três categorias:

- *Griots* músicos: tocam qualquer instrumento (monocórdio, guitarra, cora, tantã etc). Normalmente são excelentes cantores, preservadores, transmissores da música antiga, e, além disso, compositores.
- *Griots* embaixadores e cortesãos, responsáveis pela mediação entre as grandes famílias em caso de desavenças. Estão ligados a uma família nobre ou real, às vezes a uma única pessoa.
- *Griots* genealogistas, historiadores ou poetas (ou os três ao mesmo tempo), que em geral são igualmente contadores de histórias e grandes viajantes, não necessariamente ligados a uma família. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.193)

Os *griots* possuem um status social especial. Ao contrário dos *Horon* (nobres), os *griots* têm o direito de ser cínicos e têm a liberdade de falar. Podem manifestar à vontade, não são obrigados a guardar respeito com a verdade.

## 1.2 Os animadores públicos ou griots (“*dieli*” em bambara)

O nome *dieli* em bambara significa sangue. Como o sangue, esses animadores circulam pelo corpo da sociedade, podem curar ou deixar doente, conforme atenuem ou avivem os conflitos através das palavras e das canções.

Os *griots* tiveram grande participação no comércio e na cultura humana. Em geral, dotados de considerável inteligência, desempenhavam um papel de grande importância na sociedade devido a sua influência sobre os nobres e chefes.

Um nobre é capaz de se despojar de tudo o que traz consigo e possui dentro de casa para presentear um *griot* que conseguiu lhe mover os sentimentos. Aonde quer que vão, os *griots* genealogistas têm a sobrevivência assegurada. Os nobres, mesmo os mais pobres, são obrigados tradicionalmente a oferecer presentes ao *dieli*.

Os *griots* historiadores podem ser chamados de tradicionalistas por trazerem consigo sempre a história e fatos dos antepassados, servindo como referência nessa cultura criada pelos africanos.

### 1.3 O papel da oralidade

Sentar-se a sombra de uma árvore ou em volta de uma fogueira, ou de uma lareira para contar histórias, narrar fatos passados, às vezes, uma atividade tão simples se torna uma sala de aula. Não uma sala de aula convencional imposta pela Europa. O sábio africano transformava-se, usando uma performance, esquecendo do seu próprio eu para transmitir o que estava gravado na sua memória.

Esse sábio não precisa ser um ancião, mas alguém que tenha o dom da palavra, tornando-se um conhecedor, que passou anos de sua vida abdicando de sua pessoa para se tornar um *griot*. Sua palavra é a verdade, ninguém a contesta, nem mesmo um nobre que lhe paga para obter esse serviço.

O registro da história não escrita dos povos africanos pode ser procurado no inconsciente da vida social, analisando a cultura e a tradição moral em todos os gêneros. As civilizações africanas eram em grande parte civilizações da palavra, pois poucas pessoas sabiam escrever, ficando a escrita relegada a um plano secundário. As ex-colônias proibiram, durante séculos, a alfabetização dos negros, pois os colonizadores tinham medo de serem descobertas as barbaridades praticadas por eles contra os africanos. Renegando a eles o estudo, é gerado o fator de subdesenvolvimento, que constitui um entrave para as obras escritas. Esses mesmos colonizadores perseguiram os tradicionalistas, procurando extirpar as tradições locais, a fim de implantar suas próprias ideias.

Segundo Quintino Bagla Pã-Bunhe<sup>3</sup>, a oralidade africana tem o papel educativo e o papel recreativo. O primeiro é marcado pela presença de dois intervenientes: o iniciador e os iniciados. O primeiro, geralmente, é um velho ou simplesmente um adulto com mais experiências nas coisas da vida. Já os iniciados são, na sua maioria, jovens, com o desejo de conhecer o segredo das coisas que lhes estão à volta.

A maior parte da sociedade africana é constituída por várias tribos ou etnias e cada uma delas tem a sua própria cultura, independente de todas elas ocuparem o mesmo espaço político.

---

<sup>3</sup> As marcas da oralidade na literatura africana.

Disponível em: <[http://publib.upol.cz/~obd/fulltext/Romanica-9/Romanica-9\\_05.pdf](http://publib.upol.cz/~obd/fulltext/Romanica-9/Romanica-9_05.pdf)>. Acesso em: 30 out. 2012.

A existência de várias etnias, quase todas têm em comum o fanado, designação local para a circuncisão. Tem a função de caráter higiênico ou purificação, como é encarado na sociedade hebraica, mas para o povo da Guiné- Bissau a circuncisão é a iniciação da vida adulta. Os jovens vão para um lugar isolado, onde são circuncisos, seguindo depois para os ensinamentos. Ao fim de alguns meses de aprendizagem, termina o enclausuramento, que é festejado com pompa e circunstância. Com a festa, já são considerados maduros, podendo já compartilhar dos segredos da vida com os mais velhos. A idade com que os jovens são iniciados depende de cada etnia. O irmão mais novo nunca pode cumprir esse ritual antes do irmão mais velho.

No papel recreativo, a literatura oral tem apenas a finalidade de entreter os mais novos. O contador de histórias não tem que ser obrigatoriamente um velho, mas um conhecedor e alguém com dom de contar histórias. O tempo de narração é sempre à noite, após o jantar. Costuma-se sentar á volta de uma lareira, ouvindo relatos.

A literatura oral deixa fortes marcas na literatura africana, com uma marcante presença do imaginário, do sobrenatural e dos elementos míticos nas obras dos escritores. Em meio à comunidade que mantém viva expressões da tradição oral, essa arte se inscreve em movimento, sob o ritmo de corpos e cantos.

Uma sociedade oral reconhece a fala como um meio de comunicação diária e também como preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada como uma forma de exprimir suas histórias, suas tradições. Que pode ser como um testemunho transmitido de geração para geração.

Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas; permitindo a criação de um repertório de metáforas e metonímias; por exemplo, uma árvore que fala com os seres humanos. Animais são frequentemente personificados. Toda história tende-se a tornar-se paradigmática e mítica, seja seu conteúdo verdadeiro ou não. A verdade histórica está sempre ligada à fidelidade do registro oral transmitido. As tradições mais sujeitas a uma reestruturação mítica são as que descrevem a origem, a essência, a razão de ser de um povo. Há uma tendência de situar a origem de um povo num lugar ou direção de prestígio: direção “sagrada” ou “profana” de acordo com o pensamento de quem a interpreta evoluindo para o “profano” ou para o “sagrado”.

#### 1.4 A oralidade no contexto social

Tudo que a sociedade considera importante para o perfeito funcionamento de suas instituições; para uma correta compreensão dos vários status sociais e seus respectivos papéis; para o direito e obrigação de cada um, é cuidadosamente transmitido. Toda instituição social, e também todo grupo social, tem uma identidade própria que traz consigo um passado inscrito nas representações coletivas de uma tradição. A África vem trazendo diante da sua história os *griots*, selecionando as suas verdades e fatos que transmitiram de geração para geração.

Toda tradição tem sua superfície social, que sem ela a tradição não seria transmitida e perderia sua existência e poderia até ser abandonada. As histórias das dinastias, genealogias, listas de reis podem ser consideradas tradições oficiais e aspiram uma legitimidade universal para a sociedade. O *griot*, sendo o transmissor, pode selecionar o que lhe convier e, também, deixar de transmitir para a população conteúdos importantes, passando valer a sua verdade histórica. Amadou Hampaté Bâ (2010) observa que na África as tradições orais são tão importantes que elas transcendem a própria arte de narrar histórias, lendas, relatos mitológicos ou históricos e se configuram como grande escola da vida. As tradições orais africanas representam, a um só tempo, a religião, o conhecimento, a ciência natural, a iniciação à arte, a história, o divertimento, a recreação. Em meio às comunidades que mantêm vivas expressões da tradição oral, essa arte se inscreve em movimento, sob o ritmo de corpos e cordas. A arte verbal não perdeu e nem abandonou o gozo com a voz, quando é impressa.

Segundo os estudos de Paul Zumthor, citado por Souza (2012), as manifestações poéticas da tradição oral são moventes, caracterizadas por um intenso dinamismo e, o texto está sempre em movimento e adquire uma forma sempre instável.

Nesse movimento, cabe considerar a performance do contador de histórias. Segundo Zumthor, citado por Souza (2012), a performance é uma ação que envolve o narrador e todos os elementos que se fazem presentes no ato de narrar.

Nessa arte movente, a memória que se transmite é sempre tocada por deslocamentos e transformações. A escrita fixa o discurso, na tradição oral, a palavra se inscreve de modo flexivo; a memória transmitida acaba por ser permeada por

esquecimentos. Ocorrendo como um fato natural, em se tratando do ser humano que está transmitindo os fatos, deixando-se levar por circunstâncias que lhes são impostas.

O esquecimento pode ser empregado na imposição de uma narrativa histórica canônica, por meio de intimidação ou sedução, de medo ou lisonja, e provocar o desapontamento dos atores sociais, ou seja, os *griots*, com seu poder imaginário de narrarem suas próprias pessoas.

Durante uma performance, no contar histórias, o narrador, ao esquecer algum fato e criar suas próprias narrativas, promove um deslocamento e transformações para preencher buracos da memória, que se emergem do tecido das narrativas. Os caminhos, as origens e cronologias são impossíveis de serem traçadas, já que essa arte se desenvolve em meio a esquecimentos que percorrem diferentes tempos, lugares e culturas.

Na tradição oral, inexistente o texto autêntico, original, de “uma performance a outra deslizamos de nuance em nuance: onde traçar uma linha de demarcação entre o que é ainda que já não o é mais? Folclorista e etnólogos sempre se interrogaram sobre isso”, segundo Paul Zumthor, citado por Souza (2012, p.9)

O estudo da oralidade na África negra mostra vários estudos sob perspectivas diferentes. Os folcloristas viram que essa forma de expressão cultural era a sobrevivência de tradições desaparecidas. Para os etnologistas, é um reflexo da sociedade contemporânea e uma maneira de transmitir e ensinar valores de grupos. Para os psiquiatras, é uma maneira de expressar os problemas psicológicos.

A linguagem africana é tudo isso ao mesmo tempo, mas não devendo esquecer que um mito, um provérbio, uma adivinhação, é uma criação grupal.

A linguagem dos relatos oferece uma infinita variedade de vocabulário, é o caso dos relatos genealógicos conservados na África por séculos, associados aos feitos importantes dos heróis de cada etnia, os *Griots*. As representações coletivas inconscientes de uma civilização, que influenciam todas as formas de expressão e ao mesmo tempo sua concepção de mundo, podem ser chamadas de estrutura mental, variando de uma sociedade para outra. Idealizando poemas, narrativas e criando estereótipos.

A tradição oral é apresentada na forma de causa imediata, sendo separada por diferentes fenômenos, tendo origem que se situa no início dos tempos: feitiçaria, guerras, sucessão real etc.

A tradição africana concebe a fala como dom de Deus, ela é ao mesmo tempo divina e sagrada. A fala é a exteriorização das vibrações das forças, podendo criar paz ou podendo destruí-la. É como fogo, uma única palavra pode desencadear uma guerra. Tendo duas funções a de conservar ou de destruir. A fala é o grande ativo da magia africana.

A visão que o africano tem do mundo é muito religiosa, ou seja, uma visão particular do mundo, baseando na concepção do homem, do seu universo, que às vezes é muito restrita. Na Europa, a palavra magia denota o mau sentido, enquanto na África, designa o controle das forças, em si, uma coisa neutra que pode ser benéfica ou maléfica conforme a direção que é tomada. Nas canções rituais e entre as famílias, a fala é a materialização da harmonia entre si, o poder dos espíritos tem sempre sua consideração bem relevante.

A mentira não é tolerada, sendo considerada uma 'lepra moral'. Aquele que fala à palavra, mata a sua pessoa civil, religiosa, ocultando-se. Ele se separa de si mesmo e da sociedade, prezando a herança de seus ancestrais, tendo um apego religioso, exprimindo em frases como: "Aprendi com meu mestre", "Aprendi com meu pai", "Foi o que suguei no seio de minha mãe". É como se a fala não fosse mais sua, ele está tomando-a emprestado para designar algum fato.

A tradição oral é a grande escola da vida, recuperando e relacionando todos os aspectos que permeiam a vida, conduzindo o homem a sua totalidade, criando um homem particular, que esculpe a alma africana.

Os valores são descobertos um a um, compreendendo todas as representações coletivas, descrevendo as normas de um comportamento ideal ou realista. Papéis são relacionados às posições sociais, às instituições que é o conjunto que constitui a sociedade.

## 1.5 Cronologia

Sem cronologia não há história, não se pode distinguir o que precede do que sucede. A tradição oral apresenta sua cronologia expressa em listas ou em gerações. Que está sujeita a processos de distorção; às vezes encurtam e às vezes prolongam, dependendo dos acontecimentos passados e de sua importância para a comunidade.

O tempo, ou seja, a profundidade do tempo, que a memória social alcança depende da instituição que está ligada à tradição, pois cada instituição tem sua própria memória, que vai estabelecendo suas prioridades.

A história de uma família pode ser estabelecida com base em nascimentos, constituindo um calendário biológico, contando três gerações passadas, já que não houve nenhum registro, devido à negação da alfabetização.

Etnólogos mostram que as sociedades chamadas de segmentárias tendem a eliminar os ancestrais inúteis, somente os ancestrais “úteis” são preservados, sendo utilizados para explicar o presente. A identidade de um grupo étnico é expressa por um único ancestral colocado na origem da genealogia. Seria como se determinasse o começo da história da família ao qual está inserido.

## CAPÍTULO 2

### TRADIÇÃO VIVA

O saber na África não pode ser escrito em letras, ele foi ditado e preservado em palavras faladas, foi a herança que os velhos deixaram para os jovens, promovendo uma tradição, criando um elo entre passado e presente. De acordo com o Mestre Bokar, citado por Hampaté Bâ,

A escrita é uma coisa e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não é o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente. (HAMPATÉ BÂ, 2012, p. 167)

Ao se falar em tradição em relação à história africana, refere-se sempre à tradição oral. Essa herança ainda não se perdeu, reside na memória da última geração de grandes depositários, que são a memória viva da África. Um mesmo velho conhece a “Ciência das terras”, a “Ciência das águas”, astronomia, cosmogonia, psicologia. É o guardião dos segredos das ciências da vida, geralmente dotado de uma memória prodigiosa, tem arquivado fatos passados ou contemporâneos.

Os tradicionalistas são grandes depositários da herança oral, são a memória viva da África. São chamados de *Doma* ou “Conhecedores”, ou *Donikeba*, “fazedores de conhecimento”. *Gando* ou *Tchiorinke*, “Conhecedor”.

Os grandes *Doma*, os de conhecimento total, eram conhecidos e venerados, sendo procurados por pessoas de longe que recorriam aos seus conhecimentos e à sua sabedoria. Na savana africana ainda existem “Conhecedores” que continuam transmitindo a herança sagrada àqueles que aceitam aprender e ouvir e que se mostram dignos de receber os ensinamentos com paciência e discrição inúmeros fatores concorrem para preservar a fidelidade à transmissão oral, sejam os religiosos, os mágicos ou sociais. Houve várias tentativas de se calar esse povo, mas eles fizeram da palavra, a propagação da sua cultura, criando um alicerce quase inatingível.

## 2.1 A autenticidade da transmissão

Os tradicionalistas-doma, grandes ou pequenos, obrigam-se a respeitar a verdade. Para eles a mentira é uma “interdição ritual”, cuja violação lhes impossibilitaria o preenchimento de sua função. O tradicionalista-doma é o detentor da Palavra, os demais homens são os depositários do palavrório. O “Conhecedor” é tão respeitado na África, porque ele respeita a si próprio. Disciplinado, jamais mente, é um homem bem “equilibrado”, mestre das forças que nele habitam. Ao seu redor as coisas se ordenam e as perturbações se aquietam. Ele pratica a disciplina da palavra e não a utiliza imprudentemente. É a exteriorização das vibrações de forças interiores.

A tradição africana abomina a mentira. A proibição da mentira deve-se ao fato de que se um oficiante mentisse, estaria corrompendo os rituais. Todos os sistemas mágico-religiosos africanos tendem preservar ou restabelecer o equilíbrio das forças, do qual depende a harmonia do mundo material e espiritual.

A educação tradicional começa em casa, no seio da família, onde pai, mãe ou as pessoas mais idosas são ao mesmo tempo mestres e educadores, e constituem a primeira célula dos tradicionalistas; ministrando as primeiras lições da vida, por meio de experiências, histórias, fábulas, lendas etc.

Os ensinamentos não são sistemáticos, mas ligados às circunstâncias da vida. A lição dada na ocasião de certo acontecimento ou experiência fica gravada profundamente na memória da criança. Qualquer um podia tornar-se tradicionalista-doma, isto é, Conhecedor. Este estava à disposição de todos, e sua aprendizagem dependia simplesmente de suas aptidões.

O conhecimento era tão valorizado, que tinha precedência sobre tudo, até sobre a nobreza. Após aprender o ofício e seguir a iniciação, o jovem nyamaka-artesão estava pronto para voar com suas próprias asas, indo geralmente de cidade em cidade, aumentando seus conhecimentos com novos mestres. “Aquele que não viajou, nada viu” (dito africano).

O homem que viaja alarga seu campo de compreensão, descobre e vive outras iniciações, registra diferenças e semelhanças, alargando seu campo de compreensão. O homem que se tornou um tradicionalista-doma foi um pesquisador e indagador durante toda a vida. A extensão do aprendizado dependia da destreza, do caráter e

da memória do jovem aprendiz. Se este era cortês, simpático e serviçal, os velhos lhe contavam segredos que não contariam a ninguém, segundo dito africano, “o segredo do velho não se compra com dinheiro, mas com educação e boas maneiras”, citado por Hampaté Bâ (2012, p. 201).

Todo africano tem um pouco de genealogia, é capaz de remontar a um passado distante com sua própria linguagem. Sendo ao mesmo tempo uma identidade, uma forma de exaltar a glória da família, não é exclusividade dos *griots*, mas são os únicos especialistas em declamar genealogia perante os nobres para obter presentes.

## 2.2 Os ofícios tradicionalistas

Os ofícios artesanais tradicionais são os grandes vetores da tradição oral. Toda função artesanal está ligada a um acontecimento esotérico transmitido de geração a geração. Os artesãos tradicionais acompanham o trabalho com cantos rituais ou palavras rítmicas sacramentais e seus próprios gestos são considerados uma linguagem. Diz que:

O ferreiro forja a Palavra  
O tecelão a tece  
O sapateiro amacia curtindo-a.

O ofício, ou atividade tradicional, esculpe o ser do homem. A tradição oral é “geradora e formadora de um tipo particular do homem”. (HAMPATÉ BÂ, 2012, p. 189) Existe a civilização dos ferreiros, a civilização dos tecelões e a civilização dos pastores, etc.

## 2.3 A comunicação dos tambores

De acordo com Jahn, citado por Montiel (1999, p. 32), “a linguagem do tambor é a reprodução imediata e natural da língua: é uma ‘escrita’ intelegível para qualquer pessoa e está destinada ao ouvido. O jovem africano tinha que aprender a arte de captar os sinais acústicos do tambor”. De acordo com Montiel, os tambores são o elo com o passado, sendo um meio de comunicação, de acompanhamento de danças, de transmissão de mensagens sagradas e profanas. O tambor foi o guardião da

memória-recordação, como se denomina a capacidade dos africanos de conservar, transmitido de pais para filhos os valores de sua tradição e os códigos de sua identidade, unificando as emoções coletivas.

A dança não se desenvolve sem o tambor, que é a escrita sonora que o dançarino deve acompanhar ao ler, ouvindo, seu ditado. A escritura do tambor, diz Jahn, citado por Montiel (1999, p.32), “pode difundir mais rapidamente que a escrita gráfica”. Para compreender o valor semântico do tambor, é necessário remeter-se às línguas africanas, que são estratos sonoros que dão às palavras um significado diferente, conforme a gravidade sonora das vogais.



Figura 3: Tambores

Fonte: Foto de Daniel Ramalho

Há muitos tamanhos e formas de tambores. Utilizam-se de acordo com os motivos para seu uso em diferentes e numerosas sociedades. Em todas as partes, a fabricação do tambor precisa de um ritual que o consagre como instrumento que chama os espíritos, evoca os deuses, congrega a comunidade. As coreografias são códigos escritos na linguagem corporal, porém nada pode acontecer sem a oralidade quer seja falada ou cantada.

## 2.4 A dança africana em terras brasileiras

Batuque é uma dança com sapateado e palmas acompanhada de tambor, quando dançada só por negros. É a denominação genérica para toda dança de negros na África. Esse nome foi dado pelos portugueses.

Os instrumentos de percussão, de bater, membranofones deram batismo a essa dança que se originou na África, caracterizada pela umbigada e batida de pé com veemência para convidar o substituto do dançador solista.

Em uma viagem a Minas Gerais, o naturalista alemão, George Wilhelm Freyreiss em Companhia do Barão de Eschwege, teve oportunidade de assistir um batuque e descreve da seguinte forma:

Os dançadores formam roda e ao compasso de uma guitarra (viola), move-se o dançador ao centro, avança e bate com a barriga de outro na roda, de ordinário pessoa de outro sexo. No começo, o compasso é lento, porém, aumenta, pouco a pouco e o dançador do centro é substituído cada vez que dá uma umbigada; assim passam noites inteiras. (CASCUDO, 1979, p.115).

Além do batuque há outra dança, dança dos quatros, característica da África. É desenvolvida a partir de dois casais formando pares que se cruzam trocando os respectivos pares, formando um quadrado entre eles, designação popular.

## 2.5 O encontro de vozes

No encontro de vozes da África negra e do Brasil, inúmeros contatos e diálogos são desenvolvidos, que fazem surgir expressões afro-brasileiras na tradição oral. Tais expressões são tecidas no entrecruzamento sempre movente de diferentes culturas em que se destaca o fenômeno da transculturação. Com isso, o negro escravizado forçado a habitar uma nova terra, entrou em diálogo com esse lugar novo e se recriou com suas expressões culturais, transmutaram-se para persistirem numa cultura afro-brasileira.

A transculturação é um conceito cunhado por Fernando Ortiz, na antropologia, na análise da cultura cubana. Ao mesmo tempo, há em Cuba um enorme fluxo de diversas culturas negras, vindas de diferentes regiões africanas.

Nesse entrecruzamento de diferentes manifestações culturais, a transculturação surge como um processo de contatos e diálogos. A transculturação é um processo no qual tanto a cultura que tenta se impor como a receptora passam por modificações e se transformam mutuamente.

Este conceito de transculturação foi proposto para o campo da literatura pelo uruguaio Ángel Rama, citado por Souza (2012), que o utiliza como uma proposta de estudo das literaturas produzidas na América Latina, em que se traduzem conflitos e encontros de diferentes expressões culturais - o encontro da cultura popular com a erudita, entre o regionalismo e o universalismo — resultando no nascimento de algo novo, original e independente.

Leda Martins, citada por Souza (2012, p. 14) destaca que a própria cultura negra no Brasil é o “lugar de encruzilhadas”, pois se desenvolve num tecido cultural em que se cruzam diferentes culturas e símbolos africanos, europeus, indígenas e recentemente orientais.

Na tradição oral, arte da movência, os contos, transmitidos através de inúmeras performances por diferentes corpos, tempos e lugares, são permeados de muitas ressonâncias, conceito desenvolvido por Mikhail Bakhtin, citado por Souza (2012), para designar o processo de intensos contatos e diálogos entre culturas. Apontando para o entre cruzamento de inúmeras vozes.

Desse modo, seria impossível buscar um conto genuinamente africano registrado em território brasileiro. Em meio a inúmeras movências e transmutações, as vozes africanas negras inscreveram suas ressonâncias que podem ser descobertas em várias narrativas.

Na pesquisa intitulada Minas Afro-descendente: histórias da tradição banto, Sônia Queiroz, citada por Souza (2012), investigou diálogos e ressonâncias entre contos da tradição oral registrados em Angola, Moçambique e no estado de Minas Gerais.

A arte de narrar acompanha o homem desde tempos impossíveis de serem precisados, a história do registro da tradição oral no Brasil se inicia no final do século XIX, com Couto Magalhães, Sílvio Romero e Juvenal Tavares. Ao longo da história das publicações foram registrados contos de tradição oral. Neles observa-se a presença de vozes afro-brasileiras em diferentes momentos.

O livro de Juvenal Tavares apresenta a mãe preta contadora de histórias. Contos populares do Brasil de Sílvio Romero também destacam a presença afro-

brasileira em nossa tradição oral. Neste livro, Sílvia Romero afirma que “há muitas dificuldades para que se determine a origem de expressões culturais brasileiras, já que muitos fenômenos se acham baralhados, confundidos, amalgamados”.

Muitos pesquisadores têm destacado uma ocultação da voz do negro na literatura brasileira. O negro foi silenciado sob um estereótipo e uma visão distante dos escritores brasileiros em relação ao negro. Castro Alves, mesmo sendo abolicionista, ocultou o negro em seus versos.

Apesar dos estereótipos e dos preconceitos, assim como na literatura como na tradição oral, é possível encontrar textos em que o negro assume a palavra e torna-se sujeito de sua voz, abandonando o silêncio que muitas vezes lhe foi imposto.

Entre os personagens da tradição oral, se destaca a mãe preta, presença marcante, que representa na obra de diferentes escritores brasileiros a contadora de história de tradição oral. Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala*, citado por Souza (2012), destaca a relação entre a mãe preta e os filhos de senhores brancos na formação da cultura mestiça. Citado por Souza (2012), Luís da Câmara Cascudo afirma que “os ouvidos brasileiros se acostumaram com a voz das mães pretas”.

Durante o período da escravidão, muitas mulheres negras não puderam cuidar dos próprios filhos, pois as crianças negras eram afastadas de suas mães, para que os seios da mãe preta pudessem alimentar somente os filhos das mães brancas. A figura da mãe preta contadora de histórias contribui para que fossem inscritas nos textos ressonâncias de vozes afro-brasileiras, criando um eco das vozes africanas.

Se existiu a mãe preta, existiu também o pai preto, que se destaca como personagem. Pai João aparece em um ciclo de contos, versos e cantigas de tradição oral. Em grande parte, o personagem Pai João é representado sob o estereótipo do negro ingênuo, resignado, que aceita a condição de escravo.

A cultura negra em contato com expressões de diferentes culturas é tocada pela transculturação e se reelabora, sem apagar a sua presença nas expressões afro-brasileiras.

### CAPÍTULO 3

#### HISTÓRIA DE UMA FAMÍLIA

Sr. João José da Costa Cruz, natural de Leopoldina, Minas Gérias, amigo de D. Pedro II, recebeu das mãos do Imperador uma sesmaria que situa na zona rural de Itabira, divisa com Santa Maria do Itabira, no entorno do rio Tanque.

Casou-se com Isabel Martins da Costa Cruz, também natural de Leopoldina, cidade onde nasceram seus dois filhos (Ana Joaquina Martins da Costa Cruz e Joaquim Martins da Costa Cruz). Junto com a esposa e os dois filhos tomou posse dessas terras, criando ali suas raízes. Trouxe consigo dezenas de escravos para trabalharem no engenho da cana de açúcar e na plantação de arroz, feijão, milho, enfim, tudo que uma fazenda produzia na época, usando a mão de obra escrava.

Depois construiu a Fazenda Santa Cruz, a sede da fazenda era tão extensa que possuía 23 janelas. Passou a morar com a família nessa fazenda.

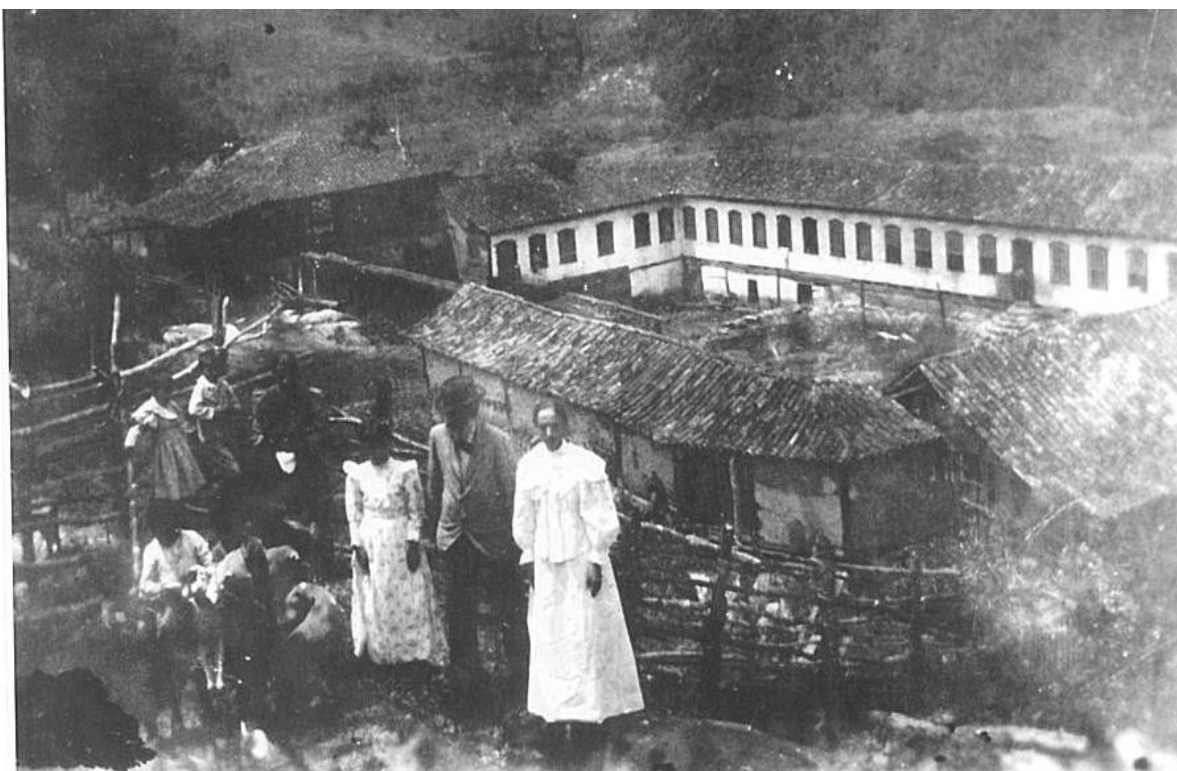


Figura 4: Fazenda Santa Cruz (1910)

Fonte: Foto de Lídia Andrade Moura

Quando os filhos se casaram receberam terras como doação dessa sesmaria. O rio Tanque divide a sesmaria em duas partes, assim ficou dividido a área de um lado

da margem do rio que situam as fazendas Florença, Fazenda da Ponte e a Fazenda Siriema ficou para seu filho Joaquim. Do outro lado do rio, as terras da Fazenda Água Espalhada ficaram com sua filha Ana Joaquina.



Figura 5: Capela da Ponte, situada no terreno da Água Espalhada que fazia parte da sesmaria de João da Cruz, às margens do rio Tanque, construída pelos escravos.  
Fonte: Foto de Paulo César Soares

Após anos vivendo nessas terras, resolveu escrever um testamento, era o ano de 1885, deixando as terras pertencentes à Fazenda Cachoeira para os escravos citados nesse documento e ao mesmo tempo lhes dá a alforria.

Esses escravos agraciados com a liberdade e essas terras constroem suas casas e continuam trabalhando nas fazendas da região. Assim foi construída a Comunidade Gomes, sendo seus primeiros moradores o Sr. Joaquim e Maria Gomes, dando o nome à referida comunidade.



Figura 6: Vista parcial da Comunidade Gomes, antiga Fazenda Cachoeira que era depropriedade do Sr. João da Cruz e doada para os escravos no ano de 1885.  
Fonte: Foto de Paulo César Soares



Figura 7: Sr. Anacleto, descendente de escravo que mora na Comunidade Gomes  
Fonte: Foto de Paulo César Soares

Essa sesmaria foi transformada nas seguintes fazendas: Fazenda da Ponte ( a maior da região), Santiago, Maracujá, Florença, Santa Cruz, Cachoeira, Barbosa e Água Espalhada.

Nas terras da Água Espalhada foram construídos pelos escravos o cemitério e a capela, cuja padroeira é Nossa Senhora da Conceição. Essas terras pertencem à família de Ernestina Martins da Costa Cruz, filha de Joaquim Martins da Costa Cruz e Ana Tereza Martins da Costa Cruz.



Figura 8: Sr. José Gregório, descendente de escravo que mora na Comunidade Gomes.  
Fonte: Foto de Paulo César Soares

O Sr. João da Cruz, como era conhecido, faleceu em 23 de dezembro de 1887, aos 84 anos. Seus restos mortais se encontram sepultados no cemitério que os escravos construíram em frente à Capela da Ponte.

Ernestina casou-se com seu primo João Carlos de Andrade, filho de Ana Joaquina. João Carlos foi assassinado em sua Fazenda da Ponte. Ernestina ficou viúva aos 23 anos com quatro filhos, sendo que dois desses filhos eram surdos. Ao casar-se pela segunda vez, seu pai lhe concedeu as terras da Fazenda Santiago e teve mais cinco filhos, sendo seu marido o Sr. Olegário Cabral.

Nesta fazenda, ela acolheu, como filhos, várias crianças que eram abandonadas pelos pais ou porque os pais não tinham condições de criá-las. Ernestina muito fez por todos que a procuravam. Todos os sábados à tarde ela promovia em sua fazenda um momento de descontração, os descendentes de escravos dançavam danças africanas: o batuque e a dança dos quattros. Nestes momentos, a música era ouvida de longe, pois essas danças eram acompanhadas de viola e tambor.



Ernestina Cruz Cabral      Sabão - 18.09.1875  
D. Lúcia                              18.02.1958

Figura 9: Ernestina Cruz Cabral  
Fonte: Foto de Lídia Andrade Moura

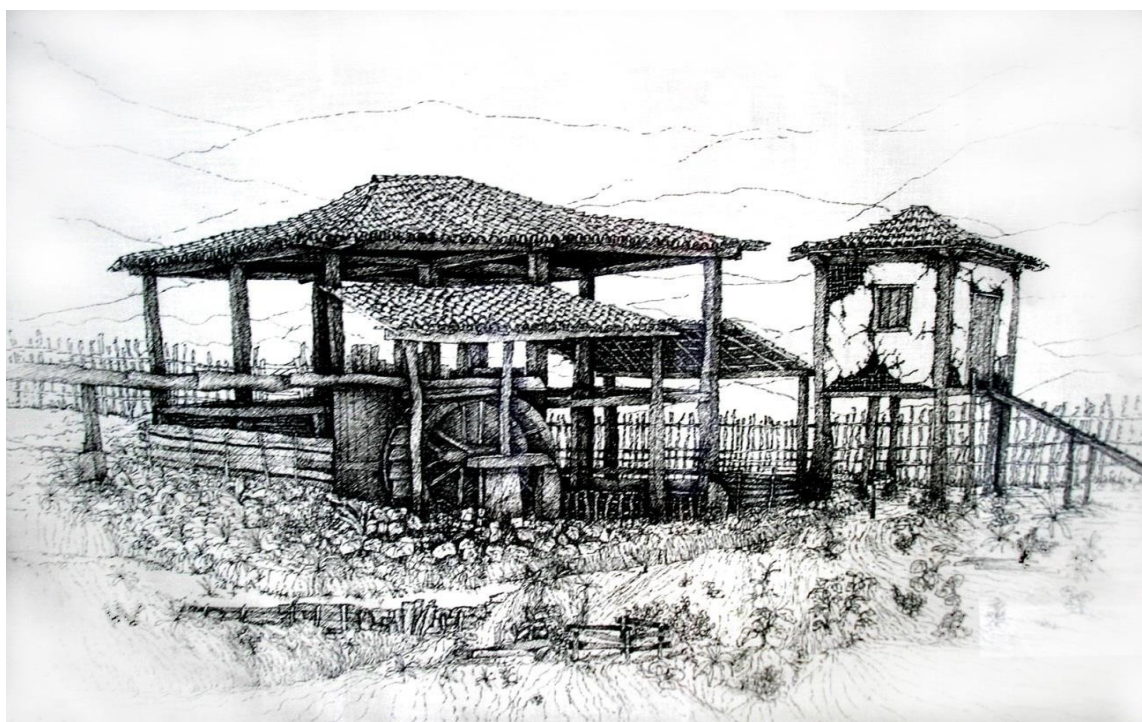


Figura 10: Desenho da Roda d'água da Fazenda Santiago em Bico de Pena  
Fonte: Artista Jayme Pires

A sua religiosidade era tão marcante que a transmitiu a todos que conviviam com ela. Enquanto viveu cultivou, com muito respeito, a tradição dos descendentes de africanos que continuaram em suas terras, por isso era e continua sendo muito venerada e respeitada por todos que vivem na zona rural de Itabira, inclusive na comunidade Gomes, onde existem vários descendentes de escravos.



Figura 11: Procissão de Nossa Senhora do Rosário para a missa das Missões Populares promovida pelo Sr. José Gregório, na comunidade Gomes  
Fonte: Foto de Paulo César Soares

Foram registrados alguns exemplos, durante a pesquisa de campo, de algumas influências trazidas pelos africanos para as terras mineiras.

- A gameleira plantada nos currais das antigas fazendas era como proteção ao gado.
- Oferenda de doces, farinha de amendoim, do leite, doados pelos fazendeiros na 6ª. Feira Santa, Ritual da Migalha, Colheita de Xangô.
- Expressão da mulher na ególatra dos Orixás:  
Mãe, mulher criadeira  
Mãe Menininha e Mãe Pequena

- O quiabo tem origem na África e foi trazido pelos escravos.  
Orixá do quiabo: Xangô, Nanan  
Comida sagrada: comida de lansã
- Festa de Nossa Senhora do Rosário é uma festa de resistência negra, sincretizada na Santa de mesmo nome da Igreja Católica.
- Os escravos cantavam e dançavam para todos os santos.
- Os cantos são rezas dirigidas a São Benedito, Nossa Senhora das Mercês, Nossa Senhora Aparecida.
- Usar vassoura de alecrim para varrer as casas era para fazer a limpeza, tirar todos os maus, inclusive o mal olhado. Sendo o alecrim do orixá Oxossi.



Figura 12: Mara, descendente de escravos que mora na comunidade do Pari, pertencente às terras do Sr. João da Cruz. Ela segura uma cabaça que os escravos usavam para carregar farinha para levar aos seus filhos.

Fonte: Foto de Paulo César Soares

## CONCLUSÃO

Pesquisar sobre a oralidade africana representou conhecer a capacidade de um povo de se inventar diante de um domínio que lhes negou uma condição essencial ao ser humano que é a escrita.

Com isso registraram na memória, durante séculos, suas tradições, seus conhecimentos, suas hierarquias. Esse povo seguiu essa linha durante anos, tentando estabelecer um elo entre o passado, presente e futuro. Era sua formação escolar, não uma escola baseada nos moldes europeus, mas uma escola de vida.

O africano criou uma hierarquia, dando valor à cadeia de transmissão, ou seja, valorizando o *griot*, que se transforma ao narrar um fato, existindo uma magia, uma performance.

Perante uma educação que começa em casa, onde pais, mães ou anciãos ministram as primeiras lições da vida através de experiências, fábulas e lendas.

Através da boca de Tierno Bokar, o sábio de Bandiara, a África dos velhos iniciados avisa ao jovem pesquisador:

“Se queres saber quem sou,  
Se queres que te ensino o que sei,  
Deixa um pouco de ser, o que tu és  
E esquece o que sabes.”

Esse dizer de Tierno Bokar, nos fala como funciona durante anos a oralidade africana, sua tradição, suas leis, sequências e sua performance. Tentando manter viva a sua história, sua cultura e sua existência.

A cultura brasileira recebeu influências bem distintas da cultura africana, como na literatura, na culinária, na dança e na música. Carregamos conosco muito desse povo que chegou aqui só para nos servir, mas conseguiu deixar marcas que hoje nos pertencem e rondam o nosso cotidiano. Infelizmente, costumamos enxergá-las, sendo que para isso foi preciso criar uma lei (10.639 de 09 de janeiro de 2003), incluindo na grade curricular o estudo sobre os afro-descendentes e inserir no calendário escolar o Dia Nacional da Consciência Negra, tudo porque não valorizamos essa cultura tão rica a qual precisamos aprender a respeitar e aceitar esse povo como eles merecem.

## REFERÊNCIAS

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 4ª. Edição. São Paulo: Melhoramentos. 1979.

KI-ZERBO, Joseph. (Ed.) **História geral da África I** : Metodologia e pré-história da África 2ª.Edição revista. Brasília: Unesco, 2010. v. 1.

MONTIEL, Luz Maria Martinez. **Presença africana, oralidade e transculturação**. México. 1999. Disponível em: <<http://www.docstoc.com/docs/107859525/Um-contribui%E9%BD%E9%BD%Do-para-o-resgate-da-heran%E9%BDa-cultural-contida-na->>. Acesso em: 30 out. 2012.

PÃ-BUNHE, Quintino Bagla. **As marcas da oralidade na literatura africana**. Acta Universitatis Palckianae Olomucensis, Facultas Phisilosophica. [ S.I.] [19 --] Disponível em: <[http://publib.upol.cz/~obd/fulltext/Romanica-9/Romanica-9\\_05.pdf](http://publib.upol.cz/~obd/fulltext/Romanica-9/Romanica-9_05.pdf)>. Acesso em: 30 out. 2012.

SOUZA, Josiley Francisco. **Do Canto da voz ao batuque da letra**: a presença africana em narrativas orais inscritas no Brasil. 2012. 201f. Tese (Doutorado) — Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-8R9H42/do\\_canto\\_da\\_voz\\_ao\\_batuque\\_da\\_letra\\_vers\\_o\\_final.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-8R9H42/do_canto_da_voz_ao_batuque_da_letra_vers_o_final.pdf?sequence=1)> Acesso em: 10 out. 2012.

VIDIGAL, Pedro Maciel. Os Martins da Costa. In.: **Os antepassados, a nossa gente**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1980. v.

## ANEXO A - TESTAMENTO DE JOÃO DA CRUZ

1803 - 1807

João, Maria e José

Zepelina

Em nome da Santíssima Trindade Padre Filho Espírito Santo. Em  
que eu João firmemente creio em cuja fé pretendo viver e morrer.

Estas são minhas declarações e testamento ou minhas últimas  
vontades e tudo faço por me achar em meu perfeito juízo.

Declaro que sou natural da Vila de Brumado Freguesia de  
Santa Barbara, Filho legítimo de Custodio José da Costa e  
Anna Joaquina de Jesus, ambos falecidos. Declaro que fui  
casado com Maria Isabel Martins da Costa, já falecida e do  
casamento tivemos dois filhos Joaquim e Anna, os quais são  
meus legítimos herdeiros. Declaro que meus interesses serão feitos  
com o sacerdote que for mais commodo e mais perto de  
eu falecer. Deixo para as minhas afilhadas Raimunda  
casada com José Antonio, Emilia casada com João Baptista,  
Isabel casada com Antonio Juvenal, Visencia casada  
com Joaquim Monteiro, Francisca casada com Antonio  
da Costa, a cada hum dasas se dará hum Conto de  
reis em dinheiros correntes de mandara dizer depois do  
meu falecimento vinte missas por minha alma e dez  
missas por alma de todos os meus parentes e dez missas  
por alma de todos meus escravos já falecidos. Com mil  
reis para se repartir com os pobres no dia do meu faleci-  
mento vinte mil reis para Nossa Senhora da Oliveira do  
Itambé, e vinte mil reis para São Francisco da Ilhéus.  
Declaro mais que depois do meu falecimento ficarão livres  
os escravos da lista seguinte com obrigação de concluir  
os serviços que estarão marcados para todos. Rufino e  
Bernardina mulher do mesmo Modesto e Emerenciana me  
lher do mesmo Augusto e Felomina m<sup>ra</sup> do mesmo. Joze  
Teixeira a mulher do mesmo Augusto e Rainald m<sup>ra</sup> do  
mesmo. Januario Solteiro, Justina Viuva, Candinha casada  
com Francisco Fernandes somente a mulher, Curcina  
casada com Benedito somente a mulher, Francisco Pais  
e a mulher do mesmo por nome Maria e tão bem se re-  
petirá a qualquer carta de liberdade que for feita de

destas minhas declarações e Deixo para estes libertos as terras da Fazenda da Coxoira que me pertence incluindo as que foram de Antonio João para eu e assim mais a parte de terras e minho e não as podendo vender e sem hypothecallas a pessoa alguma sem licença do meu filho Joaquim. Declaro mais que fica pertencendo aos mesmos as benfeitorias que me pertence na referida Fazenda da Coxoira e alguma arrumação mais que apparecer feita ou firmada por mim com testemunhas será realida.

Meus dois queridos Filhos tenho tanta confiança em vós ambos pelas muitas provas e probidade que tendes mostrado que antes de fazer estas minhas declarações que as fiz com bastante difficuldades pela minha cansada idade e que humma mão de ferro me apertava a garganta porque os dias se hão passando e a morte sem muitas vezes mais de pressa do que calca a nossa imaginação: e logo que fiz a mão de ferro abrio e cahio e fiquei aliviado de um grande peso que me oprimia. Com estas minhas disposições e falco parte de vossas heranças mais deixo a vós e a vossos filhos humma pequena herança que ainda pequena pode ainda abrigar a vós e a vossos filhos da Saraiua da miséria podem desfructarem della sem escrupulos pois não foi selada com lagrimas de sangue de ninguém, nem por demandas e sem por injusticia por isso esse semente sã e cultivada por vós. Pode pello futuro trazer uma grandissima fortuna. Amen.

Deixo por meu Testamentario ou Comprador destas verbas. João Alvaris Martins da Costa e Carlos Cassimiro de Andrade Antonio Pereira de Leão. aquelle que higar deão. Lhe tro. Contos mil R\$. pelo seu trabalho como Testamentario ou Comprador.

Ponte de Maria de Souza 14 de Fevereiro de 1885

João José da Costa Cruz

avé na ...